

A influência do feminismo negro na podosfera brasileira

The influence of black feminism in the Brazilian podosphere

La influencia del feminismo negro en la podosfera brasileña

Aldenora Teófilo Vieira Santos Cavalcanti; Ana Isabel Reis

Resumo

Este artigo tem como tema a presença e influência do feminismo negro em podcasts produzidos por mulheres negras na podosfera brasileira. A partir disso, pretende-se analisar a relação do feminismo negro com os debates feitos no Afetos e Kilombas, podcasts produzidos por mulheres negras na podosfera brasileira atravessados por questões de gênero e raça. A análise, pretende identificar a presença de quatro principais conceitos do feminismo negro – *autodefinição*, *interseccionalidade*, *empoderamento* e *imagens de controle* – nesses espaços, para entender de que forma suas características contribuem para a humanização das mulheres negras e a construção de uma visão múltipla e sem estereótipos desse grupo nos programas. O estudo se centraliza em episódios publicados de janeiro a agosto de 2021 e tem como metodologia a análise de conteúdo. Conclui-se que existe uma relação do feminismo negro com o conteúdo produzido por mulheres negras na podosfera brasileira.

Palavras-chave: Feminismo negro; mulheres negras; podcast; subjetividades.

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 17/03/2022 aceito em: 18/09/2022.

>> **Como citar este texto:**

TEÓFILO, Aldenora; REIS, Ana Isabel. A influência do feminismo negro na podosfera brasileira. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 13, n. 01, p. 97-127, jan./abr. 2022.

Sobre as autoras

Aldenora Teófilo Vieira

Santos Cavalcanti

aldenorateofilo@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9335-4574>

Mestra em Ciências da Comunicação (Uporto, Portugal), Jornalista (UFPI), especialista em Gestão Organizacional (UESPI) e podcaster. Membro do Grupo de Pesquisa Jornalismo e Discursos (JORDIS). É co-fundadora do Malamanhadas Podcast e integra a Diretoria Interina da Rede Nordestina de Podcasts (RNP).

Ana Isabel Reis

anaisabelcreis@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4820-6481>

Professora auxiliar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto; concluiu o doutoramento na Universidade do Minho. Investigadora integrada do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Foi coordenadora do Grupo de Trabalho de Rádio e Meios Sonoros da SOPCOM.

Abstract

During the 1990s, there were small and medium-sized record companies in the Brazilian record market dedicated to the dance music genre, which had strong appeal among young people and whose main product was the collection of international hits in this musical genre, often linked to a radio station, a television program or a nightclub. The present work aims to investigate five small or medium-sized Brazilian record companies that had dance music as their main product in this period. The labels analyzed are Stiletto, Spotlight Records, Paradoxx Music, Fieldzz Discos and Building Records.

Keywords: Brazilian phonographic industry; Record companies mapping; Dance music.

Resumen

Durante la década de los noventa, en el mercado disco brasileño existían pequeñas y medianas empresas discográficas dedicadas al género de la música dance, que tuvo un fuerte atractivo entre los jóvenes y cuyo principal producto fue la recopilación de éxitos internacionales en este género musical, muchas veces vinculados a una emisora de radio, un programa de televisión o una discoteca. El presente trabajo tiene como objetivo investigar cinco pequeñas o medianas empresas discográficas brasileñas que tuvieron la música de baile como su principal producto en este período. Los sellos analizados son Stiletto, Spotlight Records, Paradoxx Music, Fieldzz Discos y Building Records.

Palabras clave: Industria fonográfica brasileña; Mapeo de empresas discográficas; Música dance.

Introdução

O feminismo negro é uma teoria social crítica e um movimento social pautado na luta e reivindicação de direitos por mulheres negras que busca combater o sistema de opressão e desigualdades que acomete esse grupo. Para isso, utiliza-se de ferramentas que buscam empoderar e estimular o protagonismo e autonomia para que mulheres negras criem suas formas de resistência e sobrevivência.

O feminismo negro é percebido em diversos espaços sociais e, por vezes,

está relacionado a práticas e trabalhos de mulheres negras que estão em busca de transformação social individual e coletiva, bem como de construir novas narrativas e estimular outras mulheres negras a também seguir por esse caminho. Partindo dessas características, esse artigo pretende analisar de que forma o feminismo negro está presente no conteúdo de podcasts brasileiros produzidos por mulheres negras, visto que muitos desses podcasts são feitos considerando a visão de mundo, vivência e perspectiva de mulheres negras, sob o recorte de gênero e raça.

Definiu-se podcasts como objeto de análise, em razão dessa mídia potencializar a produção de conteúdo autônomo e independente que possibilita o uso desse espaço como forma de resistência, empoderamento, partilha e construção de comunidades, características que dialogam e se alinham a essência do feminismo negro. Dessa forma, pretende-se identificar as nuances que associam esses podcasts a quatro dos principais conceitos trabalhados no feminismo negro: autodefinição, interseccionalidade, empoderamento e imagens de controle.

Essa análise se centraliza em dois podcasts: Afetos e Kilombas. As análises do conteúdo serão feitas em episódios publicados entre janeiro e agosto de 2021. O objetivo é entender e identificar a presença de características desses conceitos nos podcasts e de que formas elas contribuem para os debates promovidos, bem como para a subversão da lógica de opressão que acomete essas mulheres negras na sociedade, a partir do pressuposto que esses podcasts se guiam pela humanização das mulheres negras e a construção de imagens positivas, plurais e sem estereótipos desse grupo.

Em um primeiro momento, será realizado um breve panorama sobre a importância do feminismo negro para a reivindicação de pautas das mulheres negras e quais as principais estratégias de resistências utilizadas pelas feministas negras, considerando os estudos de importantes feministas negras como: Collins (2019), Collins e Bilge (2021), Davis (2016), hooks (2019a, 2019b), Berth (2019), Gonzalez (1984, 2018), Carneiro (2003a, 2003b), Crenshaw (2012), Lorde (2019).

A partir disso, nos aprofundaremos nos quatro conceitos que servirão de base para este trabalho, sendo dois que tratam sobre as opressões que acometem as mulheres negras e dois que dialogam com as formas de resistência e lutas. Nesse tópico, vamos discorrer sobre a interseccionalidade como uma importante ferramenta para entender as discriminações inter-relacionadas que acometem as mulheres, bem como as imagens de controle que constroem representações e estereótipos negativos das mulheres negras. Também pretendemos explorar a autodefinição, como um conceito associado à busca por uma própria voz autodefinida, e o empoderamento, conceito associado à emancipação de mulheres negras e a transformação social a partir da tomada de consciência.

Em seguida, nos deteremos em realizar uma breve explanação sobre o conceito de podcast e sobre como este possui ferramentas que contribuem para a construção de espaços propícios a partilha de vivências e subjetividades de grupos marginalizados como pessoas negras, em especial, mulheres negras que utilizam do podcast para transformar a linguagem em ação (LORDE, 2019).

Por fim, analisamos o conteúdo de oito episódios no total, cada episódio sob a perspectiva de um conceito do feminismo negro, sendo quatro episódios do Afetos e quatro do Kilombas. A partir da análise, concluímos que os principais conceitos do feminismo negro abordados neste artigo, possuem características que se alinham e dialogam com a produção de conteúdos de mulheres negras na podosfera brasileira, se apresentando de forma efetiva e variada nesses espaços, considerando as particularidades de cada podcast.

Feminismo negro e podcast: transformando linguagem em ação

Segundo hooks (2019a), o feminismo é a luta para acabar com a opressão sexista. A autora afirma que este movimento pode transformar a vida das pessoas de um modo significativo, sem pretensões de beneficiar apenas um grupo único de mulheres, uma raça ou classe social específica. Se tornando “[...] uma forma de resistência que nos engaja numa práxis revolucionária” (HOOKS,

2019a, p. 62). A autora também reforça que “[...] o feminismo como movimento para acabar com a opressão sexista chama nossa atenção para os sistemas de dominação e para a inter-relação entre sexo, raça e opressão de classe” (HOOKS, 2019a, p. 65).

Ao trazer essa discussão para a realidade de mulheres negras, o feminismo negro se torna uma resposta ativista necessária diante da realidade em que se persiste a subordinação das mulheres negras dentro das opressões interseccionais (COLLINS, 2019). O enegrecimento do feminismo (CARNEIRO, 2003a), demarca o peso da questão racial nas pautas que atravessam as mulheres negras, com destaque as desigualdades que acometem esse grupo. A partir disso, é possível dar visibilidade “[...] a uma perspectiva feminista negra que emerge da condição específica do ser mulher, negra, e, em geral, pobre” (CARNEIRO, 2003b).

Ao politizar as desigualdades de gênero, o feminismo transforma as mulheres em novos sujeitos políticos. Essa condição faz com que esses sujeitos assumam, a partir do lugar em que estão inseridos, diversos olhares que desencadeiam processos particulares subjacentes na luta de cada grupo particular. Ou seja, grupos de mulheres indígenas e grupos de mulheres negras, por exemplo, possuem demandas específicas que, essencialmente, não podem ser tratadas, exclusivamente, sob a rubrica da questão de gênero se esta não levar em conta as especificidades que definem o ser mulher neste e naquele caso. (CARNEIRO, 2003b, p. 119).

Isto está intrinsecamente associado ao conceito de feminismo negro. Collins (2019, p. 63) aponta que o pensamento feminista negro visa empoderar as mulheres negras em um contexto de injustiça social sustentado por opressões interseccionais e afirma que na medida em que as mulheres negras não podem ser plenamente empoderadas, o pensamento feminista negro apoia princípios amplos de justiça social que transcendem as necessidades específicas dessas mulheres. Dessa forma, além de ser de fundamental relevância para compreender as opressões sofridas por mulheres negras ao longo da história, o feminismo negro também está relacionado as formas de resistências dessas mulheres.

As estratégias de resistência acompanham as mulheres negras ao longo

dos séculos, perpassando a escravidão – onde essas mulheres trabalhavam nas lavouras e dentro da casa-grande, sendo exploradas, abusadas sexualmente e tratadas como propriedade (DAVIS, 2016) – até momentos contemporâneos, quando sofrem com outros efeitos de racismo, falta de oportunidade de trabalho e desigualdades de gênero e raça. Isso acontece porque as reminiscências das violências ocorridas na época colonial adquiriram novos formatos na contemporaneidade (CARNEIRO, 2003a).

Assim como as opressões, as diversas formas de luta e resistência também se perpetuaram. Ao tratar sobre o ativismo das mulheres negras e suas formas de resistências, Collins (2019) aponta duas dimensões primárias interdependentes que se convertem em importantes ações políticas para fomentar mudanças sociais: a primeira consiste na luta pela sobrevivência do grupo, que leva as mulheres negras a criarem esferas de influência feminina negra no interior das estruturas sociais existentes. Essa é uma estratégia de resistência cotidiana voltada para produzir e compartilhar uma visão de mundo própria para a comunidade negra, em contraposição àquela posta pelo grupo dominante. Através do uso de ferramentas como a educação, por exemplo, seria possível fomentar a autoestima, autonomia e empoderamento das mulheres negras, garantido assim, a sobrevivência e resistência do grupo.

A segunda dimensão consiste na luta pela transformação institucional, que está associada à criação de um conjunto de ações com o objetivo de alterar as regras e estruturas que limitam a vida das mulheres negras, colocando-as em papéis de subordinação. Assim, a resistência se converte em mudar as regras e as leis que impossibilitam que as mulheres negras ocupem posições de poder.

Para Collins (2019, p. 363-364), ambas as dimensões de luta do ativismo das mulheres negras permanecem sendo ações necessárias, assim como foi no passado. Suas raízes históricas deram origem a visão humanista do feminismo negro enquanto movimento de luta das mulheres negras contra o sistema de opressão interligado, construído no contexto de sociedades multirraciais, pluriculturais e racistas (CARNEIRO, 2003a, p. 2).

Algumas das alternativas de luta e resistência existentes dialogam diretamente com os principais conceitos do feminismo negro, sobretudo no contexto brasileiro. Segundo Cardoso (2012):

O pensamento feminista negro, tecido a partir da complexa realidade racial brasileira, uma realidade codificada pelo gênero, se caracteriza: a) pela recuperação da história das mulheres negras; b) pela reinterpretação desta história a partir de uma nova estrutura teórica construída em oposição aos paradigmas tradicionais, revelando a contribuição das mulheres negras em diversas áreas do conhecimento; e c) pelo enfrentamento político ao racismo, ao sexismo e ao heterossexismo através de uma perspectiva interseccional. (CARDOSO, 2012, p. 25).

O feminismo negro, enquanto teoria crítica, é composto por uma série de conceitos importantes para a sua construção que veem para demarcar como as opressões que atingem as mulheres negras se articulam e de que forma, esse grupo, luta e resiste. Para este trabalho, alguns conceitos servem de instrumento de análise do *corpus*, com o objetivo de identificar o papel do feminismo negro na produção de mulheres negras em podcasts brasileiros. São eles: interseccionalidade, imagens de controle, autodefinição e empoderamento.

Conceitos Do Feminismo Negro

Os sistemas de discriminação que acometem as mulheres negras têm em sua característica o intercruzamento de diversas categorias de opressão. Entender esse intercruzamento é essencial, visto que ele cria desigualdades que estruturam as posições e lugares ocupados pelas mulheres negras. Essas questões estão presentes no conceito de interseccionalidade, que em uma definição genérica, é descrito como:

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações individuais da vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. (COLLINS; BILGE, 2021, p. 15-16)

Segundo Collins (2021, p. 53), “[...] a interseccionalidade como forma de

investigação crítica invoca um amplo sentido de usos de estruturas interseccionais para estudar uma variedade de fenômenos sociais", seja em contextos locais, regionais, nacionais e globais. A interseccionalidade permite uma análise que considere de forma alinhada às opressões que atingem as mulheres negras. O termo foi cunhado por Kimberlé Crenshaw (2002, p. 177) que reforça que "a interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação".

A interseccionalidade também diz respeito a tripla discriminação – raça, classe, sexo – (GONZALEZ, 1984, 2018) sofrida pelas mulheres negras, em que suas consequências são melhores descritas quando se aborda o segundo conceito do feminismo negro importante para este trabalho: as imagens de controle (COLLINS, 2019), que também podem ser identificadas como as noções da mulher negra, presentes nas relações sociais (GONZALEZ, 1984). As imagens de controle são estereótipos e representações negativas associadas às mulheres negras voltadas para desumanizar essas mulheres e fazer com que as opressões como racismo, sexismo e as diversas injustiças sociais pareçam naturais e inevitáveis no cotidiano (COLLINS, 2019).

Elas estão presentes nas experiências diárias das mulheres negras e nos diversos espaços sociais. Em sua obra *Pensamento Feminista Negro* (2019), Collins (2019), referência nos estudos feministas negros no mundo, aborda quatro principais imagens de controle: a *mammy*, a matriarca, a dama negra/rainha da assistência social e a jezebel.

Enquanto *mammy*, as mulheres negras reúnem opressões interseccionais de raça, gênero, sexualidade e classe. Também conhecidas como "mães negras", esta é a representação da serviçal fiel, obediente e dedicada de maneira integral à função que exerce. É uma imagem criada para justificar a exploração econômica das escravizadas no período colonial e mantida através dos séculos para explicar a manutenção das mulheres negras aos serviços domésticos dentro da casa grande moderna. A *mammy* reforça as hierarquias raciais na sociedade, e simboliza a forma que a elite branca dominante visualiza o lugar

da mulher negra: como submissa, designada para servir aos “grupos superiores”. Nos dias atuais, essa imagem pode ser vista em outros espaços de trabalho, em que a mulher negra ocupa cargos subvalorizados e, quando ocupam cargos melhores, ganham menos pelo mesmo trabalho em comparação a outros grupos pertencentes a classe dominante.

A matriarca como segunda imagem de controle, simboliza a figura materna nas famílias negras, uma versão da mãe negra má, consideradas excessivamente agressivas, sem nenhum traço de feminilidade, que afastam os parceiros e geralmente são culpadas por homens e mulheres brancas pelo fracasso de seus filhos, em razão da sua imagem de mãe ausente.

A terceira imagem de controle está associada à opressão específica de classe, reunindo características que deslegitimam o exercício de direitos de cidadania das mulheres negras. É caracterizado por Collins (2019), como uma imagem de duas faces: a rainha da assistência social e a dama negra. Enquanto rainha da assistência social, é voltada a mulheres negras pobres da classe trabalhadora que fazem uso dos benefícios sociais do estado. Apesar de serem direitos garantidos por lei, por usufruir deles, a mulher negra é retratada como uma pessoa acomodada, preguiçosa, que foge do trabalho e se sustenta com os auxílios concedidos pelo governo. No contexto brasileiro, ela pode ser equiparada às mulheres negras que são mães solteiras e fazem uso de benefícios sociais. Já a imagem de dama negra se refere às profissionais negras focadas no crescimento profissional, que se dedicam ao trabalho e aos estudos e se tornam mulheres mais bem instruídas.

A quarta imagem de controle analisada por Collins (2019), é identificada como Jezebel, que representa uma forma desviante da sexualidade feminina negra. Diz respeito a representação hipersexualizada da mulher negra que seria detentora de um apetite sexual excessivo, agressivo e insaciável. Uma representação que interliga todas as imagens de controles anteriormente citadas.

Reconhecer as imagens de controle no cotidiano, ajuda na construção de métodos de resistência por parte das mulheres negras. As formas de resistência

são diversas, sendo individuais, coletivas, silenciosas e amplificadas e contribuem para a continuidade de uma luta feminista e a criação de uma contra hegemonia (HOOKS, 2019a).

Uma das estratégias de resistência existente é a partir da autodefinição, conceito que associa o ato de insistir como forma de validação do poder das mulheres negras como sujeitos humanos. Para Collins (2019, p. 183), a “[...] busca de uma voz própria para expressar um ponto de vista coletivo e autodefinido das mulheres negras continua sendo um ponto central no pensamento feminista negro”.

A autodefinição se constrói nos diferentes espaços em que as mulheres negras utilizam para contar suas narrativas e encontrar a voz para resistir às opressões que as acometeram ao longo dos séculos. Essa busca, permite a essas mulheres, sair do silêncio e seguir no caminho da linguagem e da ação, que está entremeada por esses esforços históricos e contemporâneos de autodefinição. Para Collins (2019, p.215), “[...] a persistência é um requisito fundamental para essa busca. A convicção de que ser negra e mulher é algo valioso e digno de respeito impulsiona a persistência das mulheres negras” (COLLINS, 2019, p.215).

Dentro do feminismo negro, a autodefinição dialoga com o empoderamento e ambos os conceitos estão intrinsecamente associados pela própria razão de gerarem transformação social em mulheres negras.

“As ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa-grande. Elas podem nos permitir vencê-lo durante certo tempo em seu próprio jogo, mas nunca nos deixarão provocar uma mudança autêntica”. Nessa passagem, Audre Lorde discute como as autodefinições independentes empoderam as mulheres negras na promoção de mudanças sociais. [...] Uma massa crítica de indivíduos com consciência transformadora pode, por sua vez, promover o empoderamento coletivo das mulheres negras. Uma consciência transformada encoraja as pessoas a mudar as condições de sua vida. (COLLINS, 2019, p. 211)

O empoderamento é uma ferramenta de emancipação coletiva política e social que está associada à tomada de consciência por parte das mulheres com o objetivo de construir estratégias de combate ao sistema de dominação e

opressão existente (BERTH, 2018). Ao estar associado à tomada de consciência, é possível considerar que o momento de aquisição de uma visão crítica das normas opressoras submetidas às mulheres negras a partir do racismo, pode auxiliar no processo de empoderamento. E, para as mulheres negras, todas essas questões estão alinhadas à construção da autoestima e da auto aceitação (VIANA, 2019, p. 46). Essas questões estão intrinsecamente ligadas ao uso de ferramentas diversas pelas mulheres negras que estimulam a construção de representações positivas.

O podcast como ferramenta de resistência e partilha de vivências de mulheres negras

Se considerarmos a tomada de consciência das mulheres negras, associada a busca pela construção de suas próprias narrativas e protagonismo, a partir das estratégias de luta e resistências presentes no Feminismo Negro, é possível considerar que as mulheres negras utilizam ferramentas e espaços diversos com a finalidade de construir narrativas e subjetividades. Uma dessas ferramentas é encontrada no espaço online, mais especificamente, na produção de podcasts.

O podcast é definido por Berry (2006, p.144), como um conteúdo de mídia entregue automaticamente a um assinante através da internet, tendo como sua principal característica, em termos técnicos, a distribuição do conteúdo via RSS (Really Simple Syndication), que, de maneira simplificada, diz respeito à forma como o podcast chega de forma automatizada para os ouvintes nas plataformas de streaming. O RSS, juntamente com o áudio digital, é visto por Pérez (2010), as principais características do podcast. Outro autor importante nesta conceituação, Bonini (2020), pontua:

Podcasting é uma tecnologia para distribuição, recepção e escuta sob demanda de conteúdo sonoro produzido por tradicionais editores, como rádio, companhias editoriais, jornalistas e instituições educacionais (escolas, centros de ensino profissionalizante), ou criado por produtores independentes de rádio, artistas e amadores. (BONINI, 2020, p.14)

Entretanto, é necessário destacar que muito além de características

técnicas que tornam o podcast uma tecnologia disruptiva (Berry, 2006), o podcast possui ferramentas de produção de conteúdo e interação com os ouvintes que contribuem substancialmente para a criação de programas que conectam grupos marginalizados que não se veem tão representados na mídia tradicional, o que potencializa o surgimento de debates nichados e levam o produtor para o local de protagonista do debate. Isso acontece porque o podcast propicia uma maior liberdade na definição do conteúdo a ser trabalhado, bem como a forma que esses debates nos episódios vão ser construídos, o que possibilita essa maior aproximação e interação entre o produtor e o ouvinte.

Associado a isso, por ser uma mídia que não necessita estar vinculada a algum canal formal de comunicação, proporciona autonomia e independência para que os produtores criem seus próprios programas de maneira independente, optando por conteúdo específico sobre assuntos que muitas vezes não encontram espaço em outras mídias, como o rádio e a televisão. A partir disso, essa mídia contribui para a descentralização dos conteúdos e garante uma produção de conteúdo segmentado, voltado para um público específico, o que potencializa a conexão de grupos minoritários que, por sua vez, encontram no podcast um caminho para construir sua própria resistência e um espaço de partilha de vivências. Isso só é possível porque, por meio de sua natureza íntima, os podcasts fornecem uma janela para a vida e a mente dos seus anfitriões. (VRIKKI, MALIK, 2019).

Assim, ao considerar a lógica de produção de podcasts e ao perceber que as mulheres negras se utilizam desse espaço para transformar a linguagem em ação (LORDE, 2019), em um ato de resignificação da linguagem criada em desfavor desse grupo, e para romper o silêncio e erguer a voz (HOOKS, 2019b), também é possível observar as nuances que explicitam a forte aproximação e diálogo do feminismo negro com o conteúdo produzido por mulheres negras na pódosfera brasileira. Dessa forma, o podcast contribui para a construção de espaços seguros para manifestações e diálogos produzidos por pessoas negras, em especial, mulheres negras.

Notas metodológicas: o feminismo negro na podosfera brasileira

Este trabalho se propõe a analisar a relação do feminismo negro com as discussões levantadas em podcasts produzidos por mulheres negras na podosfera brasileira que são atravessados pelas questões de gênero e raça. Para isso, busca-se identificar a presença de conceitos do feminismo negro – *autodefinição, interseccionalidade, empoderamento e imagens de controle* – nos debates propostos nos podcasts e entender de que forma as características desses conceitos contribuem para a humanização das mulheres negras e a construção de uma visão múltipla e sem estereótipos desse grupo nos programas.

A partir da metodologia de análise de conteúdo (BARDIN, 1977), serão analisados os podcasts *Afetos e Kilombas*, programas que possuem equipes formadas por mulheres negras e que voltam suas discussões a debates guiados, sobretudo, pela humanização de mulheres negras. A análise de conteúdo como metodologia principal para este trabalho foi escolhida em razão das suas possibilidades de análise, em que é possível aplicar técnicas múltiplas e multiplicadas nos objetos analisados. Durante essa metodologia, na análise qualitativa é a presença ou a ausência de uma dada característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é tomado em consideração (BARDIN, 1977, p. 21). Além disso, a exigência da objetividade não permanece tão rígida, possibilitando uma análise mais subjetiva e descritiva dos objetos, o que segue alinhado à proposta deste artigo.

A aplicação da análise de conteúdo se deu a partir de da seleção das categorias de análise que se centralizam nos conceitos do feminismo negro. A partir das descrições e definições dos conceitos *autodefinição, interseccionalidade, empoderamento e imagens de controle*, buscou-se identificar no diálogo e entrevistas construídas nos podcasts, como essas falas se alinham com os conceitos do feminismo negro.

Para identificar a associação dos conceitos do feminismo negro com o

conteúdo dos episódios, será realizado uma análise guiada por marcadores intrínsecos de cada conceito. Para *autodefinição*, a análise considerará pontos nos episódios que trate de mulheres negras contando suas próprias histórias e buscando sua voz em manifestações diversas – seja na arte, na ciência ou em outros campos do conhecimento e que demonstre formas de expressão. Em *empoderamento*, a análise se centralizará em marcadores que buscam estimular a autoestima e a luta das mulheres negras a partir do coletivo e do individual. Em *imagens de controle*, o ponto principal de análise é a identificação de formas como os estereótipos associados às mulheres negras a parte das características das imagens de controle descritas na parte teórica, trabalhadas nos episódios de análise. E em *interseccionalidade*, será considerado o conteúdo que destaca a importância de marcadores inter-relacionados como gênero e raça para a vivência de mulheres negras.

Enquanto à escolha dos dois podcasts, esta foi feita a partir de um levantamento de podcasts produzidos por mulheres negras disponíveis na plataforma Spotify e que possuem, em seu título ou descrições, marcadores que identificam o programa produzido por mulheres negras e que dialogam com esse grupo. Este levantamento, já realizado em pesquisa anterior⁶, foi estruturado a partir do uso das palavras-chaves *mulher negra; mulheres negras; mulher preta; mulheres pretas; negras e afeto*, no buscador da plataforma, onde mapeou-se um total de 95 podcasts produzidos por mulheres negras no Brasil e disponíveis no Spotify, uma das principais plataformas utilizadas no Brasil para o consumo de podcasts.

Os podcasts a serem analisados neste artigo foram escolhidos entre os cinco programas que possuíam, à época do mapeamento, publicação ativa e regular, uma quantidade de mais de trinta episódios publicados e formatos e alcances distintos, o que permite uma percepção mais aprofundada da presença

⁶ O levantamento foi realizado entre dezembro de 2020 e fevereiro de 2021 e mapeou programas produzidos por mulheres negras em que é possível identificar a intersecção de gênero e raça a partir dos títulos e descrições dos podcasts. A partir do mapeamento, identificou-se que a maioria dos programas são tratam de temas voltados às subjetividades e narrativas de mulheres negras. (CAVALCANTE, 2021)

dos conceitos do feminismo negro em podcasts feito por mulheres negras no Brasil.

O Afetos é um podcast comandado por Gabi Oliveira, *youtuber, influencer*, produtora de conteúdo, formada em Relações Públicas (UERJ) e Karina Vieira, comunicadora, livreira, formada em Comunicação Social e Gestão de Políticas Sociais (UCB). Criado em junho de 2019 e com mais de três anos no ar, o podcast está voltado para humanizar as subjetividades negras, se convertendo em um espaço que se fala “sobre tudo que nos afeta, aproximando pessoas por meio do que nos sensibiliza”.

Lançado semanalmente às sextas-feiras, o programa segue um formato de bate-papo entre as apresentadoras na maioria dos episódios, sempre levantando discussões que partem das perspectivas de Gabi Oliveira e Karina Vieira e de como elas são afetadas pelas temáticas. Eventualmente, contam com a presença de convidadas. A partir de 2021, passou a contar com o quadro fixo “Afetos te ajuda” em parceria com a podcaster Déia Freitas, do podcast “Não Inviabilize”. Desde que foi criado, o Afetos já tocou em assuntos como: relacionamentos amorosos, violência e dependência emocional, redes sociais, saúde mental, auto amor, representação de pessoas negras nos espaços.

Durante os episódios, as apresentadoras constroem diálogos que alinham suas opiniões e reflexões, utilizando uma linguagem simples e de fácil entendimento e que se propõe a ser acolhedora para as ouvintes. As opiniões compartilhadas entre elas, se divergem apenas de forma pontual, entendendo-se as diferentes vivências de cada uma. Na maioria dos episódios, o compartilhamento de vivências e subjetividades das apresentadoras, associado a um cuidado em demarcar a existência de mulheres negras múltiplas e diversas, direciona a conversa para a vivência e a humanização de mulheres negras, características que fazem com que este podcast se destaque dentro da pódosfera brasileira.

Já o podcast Kilombas surgiu em novembro de 2019, inspirado no livro “Memórias da Plantação”, de Grada Kilomba, e se descreve como “nosso refúgio, nosso quilombo virtual feito para que se pudéssemos falar dos assuntos do

nosso cotidiano, do que nos aflige como mulheres negras, além de oferecer um espaço de fala para convidados que estão dispostos a discutir sobre raça e gênero". Sua equipe é formada pelas jornalistas Letícia Feitosa e Alice Sousa, e pela estudante de arquitetura Leíssa Feitosa.

O podcast utiliza o jornalismo para levantar discussões relacionadas à luta por igualdade racial e contribuindo para uma mídia antirracista. Em seus episódios, já abordou temáticas como racismo algorítmico, racismo estrutural, solidão da mulher negra, autocuidado, racismo nos esportes e na mídia, a estigmatização de mulheres negras, representatividade e injúria racial.

Além dos episódios predominantemente feitos em formato de entrevistas e com convidados, intitulados Drops, o podcast conta com o quadro *Kilombas comenta*, em que as apresentadoras conversam sobre temas mais leves. Apesar de ser um podcast semanal, por vezes, os episódios não são lançados de forma periódica e seu último episódio foi lançado em agosto de 2021.

Para este artigo, a análise dos dois podcasts se centralizará em episódios lançados de janeiro a agosto de 2021. Isso se dá com o objetivo de alinhar o período temporal de análise, em razão deste ser o último período em que os dois podcasts possuem episódios publicados de forma frequente. Nesse período, o podcast Afetos lançou 33 episódios, enquanto que o Kilombas, 35 episódios.

Para se chegar em uma amostra mais concisa, realizou-se uma busca nos títulos e descrição dos episódios, de elementos que possibilitassem associar o conteúdo descrito dos episódios aos conceitos do feminismo negro que serão utilizados na análise. Nesta primeira etapa, entender de que forma os conceitos do feminismo negro se definem foi de fundamental importância para se chegar a 8 episódios do podcast Afetos e 9 do podcast Kilombas. Para uma análise mais detalhada da amostra, optou-se por selecionar, de cada podcast, um episódio que pudesse vir a ser analisado sob a perspectiva de um conceito. A partir disso, chegou-se aos episódios dispostos abaixo:

Tabela 1: Amostra de análise – Podcast Afetos

N°	DATA	TÍTULO	CONCEITO
1	15/01/2021	Silêncio - Afetos #78	Autodefinição
2	18/02/2021	Perdidas No Personagem - Afetos #83	Imagem de Controle
3	15/05/2021	Não Quero Mudar - Afetos #91	Empoderamento
4	05/08/2021	A Coragem De Desistir - Afetos #107	Interseccionalidade

Fonte: Elaboração própria a partir de dados obtidos nos episódios do podcast.

Tabela 2: Amostra de análise – Podcast Kilombas

N°	DATA	TÍTULO	CONCEITO
1	24/03/2021	Drops #35 - Cineastas Pretas: da Bahia para o Mundo	Autodefinição
2	21/04/2021	Drops #37 - A Mulher Negra nas Telenovelas	Imagens de Controle
3	05/06/2021	Drops #38 - Introdução ao Feminismo Negro	Interseccionalidade
4	21/07/2021	Drops #44 - Julho das Pretas: Mulheres Negras são o Futuro	Empoderamento

Fonte: Elaboração própria a partir de dados obtidos nos episódios do podcast.

Podcast Afetos

Silêncio – Afetos #78

No episódio *Silêncio – Afetos #78*, com duração de 31 minutos e publicado em 15/01/2021, as apresentadoras Gabi Oliveira e Karina Vieira partem da forma como elas lidam com o próprio silêncio e com o silêncio de outras pessoas, em uma tentativa de entender de que forma essa relação se articula. Ao tratar disso, destacamos duas falas:

Eu tenho muita dificuldade de silenciar o meu pensamento assim de...vamos pensar no nada, sabe? Vamos absorver. Vou prestar atenção no meu corpo. Essa coisa que você falou, eu tenho muita dificuldade de fazer isso e aí eu sei. (OLIVEIRA; VIEIRA, 2021d, s/p)⁷.

Eu sou muito quieta, eu sou muito tranquila. Mas ficar em silêncio para mim, eu sou uma pessoa que fala demais também. A Gabi sabe disso. Quando a gente está junto, eu estou o tempo inteiro falando que nem uma louca e ficar em silêncio foi muito importante, muito importante para mim compreender e para entender que às vezes, o silêncio pode ser também uma boa companhia, né? (OLIVEIRA; VIEIRA, 2021d, s/p)⁸.

⁷ Fala de Vieira no Silêncio - Afetos #78.

⁸ Fala de Vieira no Silêncio - Afetos #78.

Abordar o silêncio e dialogar com o olhar para dentro é um caminho em busca da própria voz e para a autodefinição, no sentido de que entender os próprios processos de silêncio está relacionado a atos de resistência para as mulheres negras. Para Collins (2019, p.181), “[...] o silêncio não deve ser interpretado como submissão a essa consciência coletiva e autodefinida das mulheres negras”. Dessa forma, os processos de entender os silêncios são etapas de uma longa caminhada para trabalhar as relações.

Apesar das apresentadoras não tratarem no episódio do silêncio como forma de resistência, o fato de Gabi Oliveira e Karina Vieira buscarem refletir sobre suas relações com o silêncio, de certa forma aponta para a construção de um espaço seguro e confortável dentro de suas próprias relações enquanto mulheres negras, o que está fortemente relacionado a autodefinição.

Perdidas No Personagem – Afetos #83

No episódio *Perdidas No Personagem – Afetos #83*, publicado em 18/02/2021 e com duração de 38 minutos, as apresentadoras Gabi Oliveira e Karina Vieira partem da construção da imagem nas redes sociais para falar como as pessoas se mostram nesse espaço. Para isso, utilizam a expressão que dá título ao episódio, como uma forma de entrar na discussão sobre as personalidades que são transmitidas para os seus públicos e seguidores no ambiente online.

Ao tratar das formas em que as pessoas estão se posicionando e se refletindo nos lugares, o episódio dialoga com estereótipos e formas de representação, características discutidas dentro do conceito de imagens de controle. Isso acontece porque ao trabalharmos nossa imagem para ser visto pelo outro, também somos passíveis aos estereótipos. Ao falar sobre a construção de imagens, as apresentadoras consideram as contradições e variações de personas e papéis sociais em diferentes espaços.

Quando você falou que a gente tem várias personas, não é? Eu sou uma pessoa no trabalho, eu sou outra pessoa em casa, eu sou outra pessoa com a minha família. Eu sou muito assertiva que eu falo bastante no Podcast, mas quem vê minhas redes sociais sabe que eu quase não me manifesto a minha família, então, deve ter a impressão que eu sou a pessoa mais antissocial do mundo, porque eu sou extremamente calada e introspectiva com eles, muito diferente no trabalho. Assim, no trabalho, eu sou a pessoa que está sempre para cima e que se fico, sei lá, 20 minutos sem falar nada as pessoas já vêm perguntar o que está acontecendo? Porque você está estranha, você está calada demais, então, sim, nós temos muitas personas. (OLIVEIRA; VIEIRA, 2021c, s/p)⁹

Quando Gabi Oliveira e Karina Vieira compartilham quais *personas* cada uma assume em determinados ambientes – seja no trabalho, seja na família, no podcast ou nas redes sociais – as apresentadoras demarcam as suas próprias pluralidades e humanidades. As reflexões dispostas no episódio, subvertem a lógica das imagens de controle, a partir de um bate papo informal e descontraído levado para as ouvintes.

Não Quero Mudar – Afetos #91

O episódio *Não Quero Mudar – Afetos #91* foi lançado em 15/04/2021 e conta com 24 minutos de duração. Ele centraliza sua discussão em práticas, posturas e comportamentos em que as apresentadoras não querem mudar, e sobre o que Gabi Oliveira e Karina Vieira aceitam como sendo parte do que elas são.

A partir de reflexões feitas sobre mudanças nos processos da vida, de atitude e de hábitos, as apresentadoras revisitam práticas que desejam manter em suas vidas e como fazem para lidar com julgamentos e comparações.

E Ká, quando eu pensei em fazer esse episódio, era também muito nesse sentido de se libertar de algumas culpas e de algumas expectativas do outro. De certa forma, nós aqui também às vezes a gente fica nesse lugar onde a gente fica só pensando ah "se eu fizesse isso", "você vai fazer ou não?" E já senta e pensa, "eu vou mudar, eu vou trabalhar para isso ou eu não vou?". Que se não, se você for ficar só perdendo tempo imaginando e se martirizando, não vale a pena, gente, segue o baile. (OLIVEIRA; VIEIRA, 2021b, s/p)¹⁰

É a partir desse posicionamento de libertação do outro e aceitação de si,

⁹ Fala de Vieira no *Perdidas No Personagem - Afetos #83*.

¹⁰ Fala de Oliveira no *Não Quero Mudar - Afetos #91*.

que as apresentadoras tocam em um ponto intrinsecamente associado ao empoderamento, enquanto conceito do Feminismo Negro: a construção da autoestima e da autoaceitação. Esses elementos contribuem para a construção de pontes que levam as mulheres negras para um caminho de transformação social e política de caráter individual, mas que atinge o coletivo.

Dessa forma, consideramos que o exercício de se aceitar, reconhecendo os próprios processos e respeitando limites, hábitos e escolhas, faz parte do empoderamento pessoal que caminha para o autoconhecimento (COLLINS, 2019).

A Coragem De Desistir – Afetos #107

O episódio *A Coragem De Desistir – Afetos #107* foi lançado em 05/08/2021 e tem duração de 28 minutos. No programa, as apresentadoras Gabi Oliveira e Karina Vieira tratam sobre você ser sua prioridade, além de abordar a importância da saúde mental e como esse assunto interferiu na vida de personalidades negras como as atletas Simone Biles e Naomi Osaka que competiram nas Olimpíadas de Tóquio 2020.

Ao iniciar o conteúdo, destacando que o episódio também vai falar sobre a trajetória de Simone Biles e Naomi Osaka, as apresentadoras reforçam a preocupação e o cuidado com a humanização de mulheres negras, com suas falhas, desistências e pluralidades para além de serem atletas famosas com premiações e troféus. Também narram episódios em que a saúde mental dessas atletas foi abalada e relatam situações de discriminação, racismo e violências em que elas sofreram ao longo de suas trajetórias.

A gente vem falando de saúde mental há muito tempo... Assim, desde antes de eu começar a fazer terapia a cerca de 1 ano e meio atrás, saúde mental já era pauta aqui do Afetos. Mesmo eu não fazendo terapia, a gente já conversava sobre isso. E qual não foi a nossa surpresa quando a gente viu no meio de uma Olimpíada duas mulheres negras levantando esse tema e levantando esse tema de forma extremamente responsável e corajosa. Por isso que a gente decidiu colocar o nome desse episódio como “a coragem de desistir”. (OLIVEIRA; VIEIRA, 2021a, s/p)¹¹.

¹¹ Fala de Vieira no A Coragem De Desistir - Afetos #107.

O peso de ser duas vezes melhor, enquanto mulher negra, em comparação a outros atletas, interfere diretamente na saúde mental dessas atletas. Ao pontuar essas questões no episódio, cria-se um ambiente propício para identificar a interligação das opressões que acometem essas mulheres e as consequências dessas discriminações para essas mulheres negras.

Ao tratar sobre saúde mental, associado a mulheres negras, o programa faz a inter-relação de três pontos associados à opressão e discriminação de mulheres negras: gênero, raça e saúde mental. É a partir disso que se considera este episódio como um programa que tem a interseccionalidade como um conceito norteador da discussão.

Podcast Kilombas

Drops #35 – Cineastas Pretas: da Bahia para o Mundo

O *Drops #35 – Cineastas Pretas: da Bahia para o Mundo* foi publicado em 24/03/21 e tem 10 minutos de duração. Ele se descreve como um episódio que vai falar sobre cineastas baianas, o cenário do audiovisual negro no Brasil e os espaços conquistados pelas mulheres cineastas. Para isso, a apresentadora Letícia Feitosa contou com duas convidadas: Loíá Fernandes e Daiane Rosário, que fazem parte da organização da Mostra Itinerante de Cinemas Negros – Mahomed Bamba.

A partir da forma como a temática é debatida e colocada na descrição, é possível identificar a associação do episódio com o conceito de autodefinição, visto que a autodefinição é apontada por Collins (2019), como as manifestações utilizadas pelas mulheres negras para narrar suas histórias e vivências, utilizando-se de diversas expressões artísticas. Uma delas é o cinema e a produção audiovisual.

No começo do episódio, essa relação se torna ainda mais forte quando a apresentadora afirma que a conversa vai tratar de cineastas baianas que estão ocupando a cena do audiovisual negro brasileiro “[...] provando de uma vez por

todas que mulheres pretas no cinema existem, e elas têm nome e sobrenome" (KILOMBAS, 2021b)¹². Além disso, a escolha por trazer exemplos de mulheres negras pioneiras na direção de filmes no Brasil, como Adélia Sampaio, demonstra que seguir o caminho trilhado por ela é uma possibilidade para outras mulheres negras e que esse espaço autodefinido, é possível.

Adélia se tornou espelho e inspiração para várias pretas que desejam criar carreira no cinema. [...] A gente não pode é abrir mão dos nossos sonhos. Isso é uma tragédia e a gente tem que saber que esse país nos deve muito, muito, muito, muito. E não vão pagar tão cedo...Então, o que que a gente faz? A gente tem que viabilizar a nossa vida, a vida do negro." (KILOMBAS, 2021b)¹³

O episódio também traz a fala de outras cineastas negras ao narrar suas trajetórias no cinema e analisar as redes de contato criadas por elas na contemporaneidade, o que dialoga diretamente com mais uma característica da autodefinição: a relação das mulheres negras umas com as outras, reafirmando que essa troca é significativa, especialmente pela importância da voz na vida dessas mulheres (COLLINS, 2019).

Drops #37 – A Mulher Negra nas Telenovelas

O episódio *Drops #37 – A Mulher Negra nas Telenovelas* publicado em 21/04/2021, com duração de 24 minutos, trata de um tema muito valioso quando dialogamos sobre a imagem das mulheres negras, que é a representatividade desse grupo na mídia, mais especificamente, na teledramaturgia brasileira.

Esse assunto é importante porque a mídia reproduz as relações sociais e é um dos principais espaços consumidos pela população, fazendo com que muitas imagens negativas e estereotipadas de grupos marginalizados sejam consumidas, o que torna essa representação negativa ou sub-representação uma extensão das características das imagens de controle, conceito do Feminismo Negro utilizado para analisar esse episódio.

Para tratar da temática, Letícia Feitosa, conversa com a estudante de

¹² Fala de Letícia Feitosa no Drops #35 - Cineastas Pretas: da Bahia para o Mundo.

¹³ Fala de Letícia Feitosa no Drops #35 - Cineastas Pretas: da Bahia para o Mundo.

jornalismo noveleira, Gabriela Feitosa, e a advogada e presidente da Comissão de Promoção da Igualdade Racial da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Raquel Andrade. Ao introduzir o assunto, a apresentadora destaca a lentidão do “[...] processo de inserção dos nossos corpos de forma justa e respeitosa da mídia e eu já lanço aqui uma pergunta do início do episódio, você se enxergava nas novelas quando criança?” (KILOMBAS, 2021a)¹⁴, fazendo referência à pouca presença de atrizes e atores negros e aos lugares ocupados por eles.

Ao falar de sua experiência enquanto telespectadora, Feitosa (KILOMBAS, 2021a)¹⁵ compartilha que os papéis que ela observava que eram reservados para mulheres negras eram de empregadas. Em outras situações, ocupavam papéis que priorizavam a sexualização do corpo negro. Todos esses pontos são características das imagens de controle propostas por Collins (2019), respectivamente, *mammy* e *jezebel*. Essa percepção também é compartilhada por uma das entrevistadas do episódio que fala da grande presença dos estereótipos nas telenovelas, destacando que ao ocupar esses espaços, a pessoa negra não tem história, nem narrativa para além dessas imagens de controle.

O episódio vai além da problematização das imagens de controle nas novelas. Ele também propõe alternativas para subverter essa prática secular.

Então é necessário que haja uma reparação histórica, né? Que se desconstrua esses pilares de narrativas machistas e racistas, né, que se complementam e isso só vai acontecer com a resignificação desses papéis políticos, desses papéis econômicos, não é... dessa função, dessas múltiplas funções que essas personagens negras ocupam nesses espaços, não é? Então, parece óbvio, mas é preciso que seja dito. E essa resignificação começa, não é com a não formação com a não estrutura, né? De estereótipos os negros femininos que limitam essas mulheres em papéis de empregadas domésticas, de... de mulheres periféricas apenas empobrecidas com o sofrimento físico ou psicológico perpetuado durante toda a narrativa, né? Essa subalternização de papéis, né? Essa resignificação passa por isso. E essa resignificação, ela, é preciso efetivar mudanças de tornar essa mudança, né? Fazer com que ela seja composta por elementos que promovam uma interseccionalidade de alimentos, uma pluridimensionalidade de elementos políticos, físicos, psicológicos,

¹⁴ Fala de Letícia Feitosa no Drops #37 - A Mulher Negra nas Telenovelas.

¹⁵ Fala de Letícia Feitosa no Drops #37 - A Mulher Negra nas Telenovelas.

econômicos (KILOMBAS, 2021a)¹⁶,

A medida em que o episódio discorre sobre a temática, é possível destacar o caminho percorrido pelo discurso e a conversa, em que, as imagens de controle são questionadas e problematizadas, em uma forma de pontuar que esse espaço estereotipado destinado às mulheres negras na teledramaturgia brasileira, não cabe mais a esse grupo e não se deve limitar mais essas mulheres a esses papéis, visto que isto ajuda a perpetuar construções negativas. Assim, o conteúdo dialoga diretamente com as imagens de controle e contribui para um pensamento crítico sobre milhares de possibilidades de combater imagens negativas associadas às mulheres negras.

Drops #38 – Introdução ao Feminismo Negro

No episódio *Drops #38 – Introdução ao Feminismo Negro*, com duração de 14 minutos, publicado em 05/05/2021, a apresentadora Alice Sousa conversa com a professora e militante Luizete Vicente sobre o Feminismo Negro enquanto movimento social segmentado e protagonizado por mulheres negras, com o objetivo de promover e trazer visibilidade às suas pautas, reivindicar direitos e unir a luta por equidade com a luta antirracista, além de questionar o motivo pelo qual mulheres brancas deviam também se informar sobre o assunto.

O episódio começa trazendo o histórico do feminismo negro e os principais acontecimentos ao longo das ondas desse movimento. Para isso, perpassa os acontecimentos do feminismo como um movimento que teve impacto na vida de mulheres diversas e a diferença na luta e nas pautas das mulheres brancas e das mulheres negras.

Por a interseccionalidade ser um dos principais conceitos do feminismo negro, esse conceito aparece ainda na explicação do assunto ao considerar as pautas e recortes interligados e de interesse para as mulheres negras como as pautas antirracistas, olhando a luta dessas mulheres a partir dessa ótica e

¹⁶ Fala de Raquel Andrade no Drops #37 - A Mulher Negra nas Telenovelas.

também ao considerar a intersecção de gênero e raça nesse debate e nesse movimento. Esse ponto se acentua mais na fala da convidada quando Luizete explica a terceira onda do feminismo:

É necessário, é urgente compreender que existe essa interseccionalidade de gênero, de raça, de classe, de orientação sexual. Então, mais do que nunca, é perceber que o feminismo negro chega principalmente nessa terceira onda, com muito mais força, apesar de já estar aí, a todo o tempo gritando nas outras ondas. Mostrar que é importante esse feminismo negro, porque a partir dele foi possível percebermos aí o espaço político que as mulheres negras precisam habitar. (KILOMBAS, 2021c)¹⁷

Assim, ao trazer um panorama histórico do feminismo negro, o episódio inevitavelmente aborda o conceito da interseccionalidade por este estar intrinsecamente ligado ao movimento. Nesse caminho, ao tecer críticas e diferenciações entre as ondas do feminismo e as pautas de mulheres brancas e de mulheres negras, coloca em destaque a importância do feminismo negro para a emancipação das mulheres negras.

Drops #44 – Julho das Pretas: Mulheres Negras são o Futuro

O episódio *Drops #44 – Julho das Pretas: Mulheres Negras são o Futuro* tem duração de 6 minutos, foi lançado em 21/07/2021 e foi produzido para celebrar o dia 25 de julho, data em que se comemora o Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha. Para falar sobre isso, a apresentadora Leíssa Feitosa convidou Alane Reis, ativista e integrante do programa de comunicação do Instituto Odara, que criou as ações do Julho das Pretas, realizado para celebrar a data.

O tema do episódio dialoga diretamente com o conceito de empoderamento, visto que o evento e as ações do Julho das Pretas são voltadas para o fortalecimento e o protagonismo de mulheres negras na sociedade. O empoderamento enquanto movimento de transformação social está intrinsecamente associado a essa temática. Isso pode ser visto na fala da convidada que explica como essa luta pode reverter a lógica das discriminações

¹⁷ Fala de Luizete Vicente no Drops #38 - Introdução ao Feminismo Negro.

contra as mulheres negras:

Nós, mulheres negras trazemos a sociedade, nós somos a maior parte da população Brasileira e a gente acredita que reverter as lógicas do racismo e a lógica do sexismo vai trazer para a sociedade uma melhora coletiva e que isso precisa ser iniciado para as mulheres negras, pela pelas mulheres negras, que são as pessoas que mais que vivem processos de violação de direitos humanos no Brasil. (KILOMBAS, 2021d)¹⁸

Ações coletivas desenvolvidas por diversas mulheres negras que ocorrem no Julho das Pretas descritas pela convidada, engrandecem a emancipação coletiva política e social, uma das principais características do empoderamento, que tem o objetivo de construir estratégias de combate e luta das mulheres negras. Dessa forma, dar destaque a eventos com essa finalidade nos episódios de Kilombas confere um comprometimento do programa no estímulo do empoderamento de mulheres negras na sociedade, a começar por suas próprias ouvintes.

Considerações finais

Este trabalho é um aprofundamento de pesquisa anteriormente realizada sobre o protagonismo de mulheres negras na podosfera brasileira, em que se questionou quais narrativas mulheres negras produzem nos podcasts para mulheres negras no Brasil e se identificou que essas narrativas estão maioritariamente associadas à construção da pluralidade e individualidade de mulheres negras.

Além disso, também se observou que os podcasts produzidos por mulheres negras, atravessados pelas questões de raça e gênero, pretendem colocar mulheres negras como sujeitas de suas próprias narrativas que estão associadas com a partilha de suas subjetividades e, por sua vez, subvertem a lógica dos estereótipos e imagens negativas corriqueiramente associadas a esse grupo.

Ao considerar a forte presença das subjetividades das mulheres negras nos podcasts analisados, pude me aprofundar nessas questões e analisar os

¹⁸ Fala de Alana Reis no Drops #44 - Julho das Pretas: Mulheres Negras são o Futuro.

objetos Afetos e Kilombas sob uma ótica mais específica do feminismo negro. Isso foi possível após observar a aproximação dos debates dos podcasts com os conceitos do feminismo negro, em especial, autodefinição, interseccionalidade, empoderamento e imagens de controle.

O feminismo negro enquanto teoria crítica, movimento social de combate às opressões, estímulo ao protagonismo e construção de imagens positivas de mulheres negras, possui características que, a partir das análises feitas, se aproximam da produção de conteúdo por mulheres negras em podcasts brasileiro: a autonomia e o protagonismo das mulheres negras. Isso acontece a partir da forma como os diálogos são guiados. As podcasters abordam os assuntos sob perspectivas individuais, o que está ligado à autonomia nessa escolha de abordagem, ao tempo em que priorizam suas subjetividades e vivências, tornando-as protagonistas destes espaços e destas narrativas, estando estes pontos destacados fortemente presentes nos conceitos do feminismo negro.

Os debates levantados pelos podcasts Kilombas e Afetos são atravessados pelas características dos principais conceitos do feminismo negro, seja de forma consciente, como, por exemplo, quando as apresentadoras do Kilombas abordam diretamente o feminismo negro e suas interseccionalidades, como observado no episódio *Drops #38 – Introdução ao Feminismo Negro*, ou de forma mais subjetiva, quando as apresentadoras Gabi Oliveira e Karina Vieira tratam de opressões que se inter-relacionam, como gênero, raça e saúde mental, no episódio *A Coragem De Desistir – Afetos #107*.

A forte presença dos conceitos acontece de forma mais evidente no Kilombas em razão do formato do podcast e de sua proposta em ser um programa jornalístico. Isso é possível observar, a partir das falas das convidadas e do uso de palavras mais demarcadas, como quando no episódio *Drops #37 – A Mulher Negra nas Telenovelas* fala-se de forma explícita em ressignificar os papéis atribuídos às mulheres negras. Já no Afetos, essa relação se dá de forma mais subjetiva, nas entrelinhas dos debates. Isso se dá em razão dos assuntos partilhados por Gabi Oliveira e Karina Vieira serem tratados a partir da

perspectiva da subjetividade das apresentadoras.

Por fim, conclui-se que a relação de conceitos do feminismo negro e a produção de conteúdo em podcasts feitos por mulheres negras no Brasil se apresentam de forma consistente e de maneira variada nos debates levantados nesses espaços, como foi possível observar nos programas Afetos e Kilombas. Enquanto que o conceito de *autodefinição* surge nos debates que consideram as manifestações artísticas de mulheres negras, bem como em episódios que tratam de sensações e sentimentos mais individuais, o conceito de *empoderamento* aparece quando se trata de conteúdos que estimulam a busca por uma voz individual e coletiva amplificada, autoaceitação e autoconhecimento.

Se tratando da *interseccionalidade*, este é um conceito que surge quando o debate gira em torno do próprio feminismo negro, trazendo seus conceitos, históricos e importância, como também se mostrando presente quando o diálogo considera a sistemática de opressões que acomete as mulheres negras. Enquanto que o conceito de *imagens de controle* aparece em momentos em que os debates buscam questionar e subverter a lógica dos estereótipos negativos associados às mulheres negras nos espaços sociais e midiáticos.

Essas características se manifestam nos episódios mais específicos do Kilombas, quando estes tratam de assuntos que já são direcionados às mulheres negras. No Afetos, por sua vez, elas se manifestam de formas mais subjetivas em episódios diversos, sejam aqueles que sinalizam em sua descrição que aquele assunto é voltado para mulheres negras, ou seja, aqueles que são descritos como uma temática mais ampla voltada para a comunidade negra no geral.

Por fim, é importante ressaltar que a partilha da essência e características dos conceitos do feminismo negro para ouvintes a partir dos discursos das apresentadoras dos podcasts Kilombas e Afetos, ocorrem de forma efetiva.

Bibliografia

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. ISBN: 972-44-0898-1.

BERRY, Richard. Will the iPod kill the radio star? Profiling podcasting as radio. **Convergence: the international journal of research into new media technologies**, 2006. Visto em: 15 Mai. 2022. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1354856506066522>

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte: Editora Letramento, 2018. ISBN 97-885-953-0069-9.

BONINI, Tiziano. A "segunda era" do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. Tradução: Marcelo Kischinhevsky. *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora*, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 13-32, jan./abr. 2020. Visto em: 18 mai. 2022.

CARDOSO, Cláudia Pons. **Outras falas: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras**. 382 f. Salvador. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2012. Tese de Doutorado. Visto em: 10 Mar. 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/7297/1/Outrasfalas.pdf>.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Revista Racismos Contemporâneos**, 2003a. Visto em: 10 Mar. 2022. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5509702/mod_resource/content/0/14-Artigo-Enegrecer-o-feminismo-a-situa%C3%A7%C3%A3o-da-mulher-negra-na-Am%C3%A9rica-Latina-a-partir-de-uma-perspectiva-de-g%C3%AAnero.pdf.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em Movimento. **Revista Estudos Avançados**, v. 17, n. 49 (2003b). Visto em: 10 Mar. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/Zs869RQTMGGDj586JD7nr6k/?lang=pt>.

CAVALCANTE, Aldenora Teófilo Vieira Santos. Enegrecendo a pauta: mulheres negras, afeto e resistência na podosfera brasileira. **Repositório Aberto da Universidade do Porto**. Porto, Portugal. Universidade do Porto. 2021. Dissertação de Mestrado. Visto em: 13 Mai. 2022. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/134772>

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019. ISBN 85-755-9707-8.

COLLINS, Patricia Hill. H.; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021. ISBN 978-65-5717-029-8.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis. V. 10, nº 01(2002). Visto em: 10 Mar. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTp4SFXPnJZ397j8fSBQQ/abstract/?lang=pt>.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016. ISBN 97-885-755-9503-9.

GONZALEZ, Lélia. Mulher negra. In **Primavera para as rosas negras**. São Paulo: UCPA

Editora, 2018.

HOOKS, bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019a. ISBN 97-885-273-1166-3.

HOOKS, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Elefante, 2019b.

KILOBAS. A Mulher Negra Nas Telenovelas. Drops. Ep. 37. 2021a. Visto em: 10 Mar. 2022. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0zpOByJ6qxKjDjkrclrDES?si=fb09a6ae40734230>.

KILOBAS. Cineastas Pretas: da Bahia para o mundo. Drops Ep. 35. 2021b. Visto em: 10 Mar. 2022. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0aYg12DVLwEuZNUjy0eLh?si=c11479401b4947f7>

KILOBAS. Introdução ao Feminismo Negro. Drops. Ep. 38. 2021c . Visto em: 10 Mar. 2022. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/46CKH84pf1cwvox0cvfA8D?si=40d94324d02343e3>

KILOBAS. Julho das Pretas: Mulheres Negras São o Futuro. Drops. Ep. 44. 2021d. Visto em: 10 Mar. 2022. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6ZyeLELQb7vNaulpGJ0jcP?si=9dbb3784e68f44d2>.

LORDE, Audre. A transformação do silêncio em linguagem e ação. In LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. ISBN 978-8551304341.

OLIVEIRA, Gabi.; VIEIRA, Karina. A Coragem de Desistir: Afetos. Ep. 107. 2021a. Visto em: 10 Mar. 2022. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7fusqpWE11wiHhhr5SfGIS?si=e8f120cdde02402c>.

OLIVEIRA, Gabi.; VIEIRA, Karina. Não Quero Mudar: Afetos. Ep. 91. 2021b. Visto em: 10 Mar. 2022. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4EulzTgXHI5xUh9iutTnZq?si=8d6e5bb5e09e4743>.

OLIVEIRA, Gabi.; VIEIRA, Karina. Perdidas No Personagem: Afetos. Ep. 83. 2021c. Visto em: 10 Mar. 2022. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7klGbEvHvZKZq5mXOhFCxO?si=26ddedf00cf643d4>

OLIVEIRA, Gabi.; VIEIRA, Karina. Silêncio: Afetos. Ep. 78. 2021d. Visto em: 10 Mar. 2022. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/3ucMLVy3Kd1hTDI3moNoBa?si=3ded94421b50442e>

PÉREZ, Juan Ignacio Gallego. **Podcasting: Distribución de contenidos sonoros y nuevas formas de negocio en la empresa radiofónica española**. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2010. 488 f. Tese de Doutorado.

VIANA, Géssica de Castro Silva. **Ciberfeminismo e a (in)visibilidade da mulher negra youtuber**. 180 f. Natal: Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2019. Dissertação de Mestrado. Visto em: 22 Jun. 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/29514>.

VRIKKI, Photini.; MALIK, Sarita. Voicing lived-experience and anti-racism: podcasting as a space at the margins for subaltern counterpublics. **Popular Communication**. [Em linha]. Vol. 17, n.º 4 (2019), p. 273-287, Visto em: 15 Mai. 2022. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/15405702.2019.1622116?scroll=top&needAccess=true>